

LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NEGRA: MEMÓRIA E IMAGINÁRIO NAS TESSITURAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Josemar dos Santos Ferreira¹
Iêdo de Oliveira Paes²

Resumo: O presente artigo é desenvolvido em conformidade com os estudos sobre literatura de autoria feminina negra. As obras *Olhos D'água* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, escritas por Conceição Evaristo, são estudadas com a perspectiva de se cotejar elementos de aproximação e distanciamento entre ambas, no que diz respeito à memória e ao imaginário que contemplam as estruturas de suas narrativas. No decorrer do pesquisa evidenciam-se conflitos que implicam em fatores de violências no cotidiano das personagens. Estas são mulheres negras que lutam por melhores condições de vida no enfrentamento de um contexto social, fundamentado na percepção naturalizada pelo androcentrismo. Tal contexto mescla-se a traços da memória e do imaginário das personagens, como também os propulsiona. Os parâmetros de análise das obras são respaldados no entendimento delas, sob a ótica da Crítica Feminista e dos Estudos de Gênero, em detrimento ao androcentrismo. A literatura de Conceição Evaristo ressoa os alicerces de um projeto político-social, em que grupos excluídos e silenciados passam, efetivamente, a ter voz de forma a caracterizar o sujeito em seu discurso autêntico.

Palavras-chave: Autoria feminina negra; Memória; Imaginário; Conceição Evaristo; Crítica feminista.

Introdução

A história da literatura projetou silenciamentos às obras de autoria feminina, até o início do século XX, momento em que se efetivam as disciplinas: teoria da literatura e crítica literária. De acordo com Zinani (2012) essas disciplinas objetivavam estudar a literatura de modo mais específico e menos globalizante, ao contrário do que se mantinha referente ao cânone literário, “um dos aspectos relevantes dos estudos de história da literatura diz respeito ao cânone, conjunto de autores e

1 Graduando em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: jo-semarferreira2012@gmail.com

2 Pós-Doutor em Literatura e Crítica Literária pela PUC Goiás. Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Graduado em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: iedopaes@yahoo.com.br

obras reconhecidos pela academia, a partir de critérios nacionalistas e religiosos, tornando-se marco referencial para os estudos literários” (ZINANI, 2012, p. 408).

É a partir da teoria da literatura e da crítica literária que se estabelece e potencializa a crítica feminista, onde inicia-se uma nova história da literatura, a considerar as experiências da mulher nas diferentes vozes da produção literária, em questionamento à falta de consideração do cânone ao valor estético das obras literárias por elas produzidas.

Ainda sobre o que diz respeito à crítica feminista, Bellin (2011) ressalta o seu desenvolvimento, voltado inicialmente à leitura de obras literárias de escritores masculinos: “não devemos reduzir a literatura a uma mera representação de atitudes, crenças e valores patriarcais, e sem interpretá-la como espaço no qual se articulam e se materializam as posições sociais de homens e mulheres ao longo dos séculos” (BELLIN, 2011, p. 4). Embasada nas contribuições de Felski a respeito desse tema, Bellin (2011, p. 4) destaca outra fase da crítica feminista que, com o passar do tempo, concentra-se na leitura das obras de autoria feminina, não com o intuito de dogmatização, mas a mostrar como as mulheres são representadas na literatura por meio de questões históricas, sociais e culturais, sem se interessar em “levantar bandeiras a respeito da igualdade e/ou diferença sexual”.

Quando se retoma a visão patriarcal no Brasil, o pensamento nutrido entre os séculos XVIII e XIX era de que as mulheres seriam intelectualmente inferiores aos homens. A educação, para as poucas mulheres que tinham acesso era diferenciada, cujo objetivo previa a subserviência ao patriarcado. As mulheres eram ensinadas a serem “boas mães” e “boas esposas”, reclusas no ambiente doméstico. No começo do século XIX é desencadeado o pensamento cientificista, e nesse período surgem os primeiros jornais voltados para as mulheres, mas ainda com base na ideologia patriarcal (DUARTE, 2016). Somente na segunda metade do século XIX, com a primeira onda do movimento feminista, é que começa a circulação de jornais e revistas femininas, de interesse coletivo das mulheres.

Mesmo com os percalços à imersão das mulheres brasileiras na escrita, esse foi o percurso que iria até o final do século XX, para uma intensa participação delas na literatura. Por conseguinte, haveria o desafio de libertação dos estereótipos cristalizados na ficção, disseminada pela burguesia, que conduziam as mulheres a se verem com o olhar masculino: um olhar excludente, “uma vez em que as mulheres seriam levadas a ler como homens, adotando um ponto de vista próprio deles” (BELLIN, 2011, p. 3). No âmbito de tal desafio, configurou-se a trajetória de autoras negras, na busca da identidade autoral; autoras cada vez mais inovadoras e conscientes da luta contra discursos patriarcais e discriminatórios, que tanto as ameaçaram com o apagamento de suas obras.

Este artigo³ desenvolve-se em conformidade com os estudos sobre literatura de autoria feminina negra. Pauta-se em algumas conjunções que permitiram pressupostos para o desenvolvimento de uma análise, frente às colaborações teóricas reunidas. Inicialmente as etapas ocorreram com o entendimento da história da literatura, dentre as quais Zinani (2012) reflete as amarras do cânone, no tocante à conservação de uma literatura dominada por homens, e o silenciamento às obras escritas por mulheres, bem como o surgimento da crítica feminista, que promove um olhar de reconhecimento e valorização, contrário ao que o cânone determinava/determina. Outra contribuição fundamental foi a dos Estudos de Gênero, trazidos por Firmino e Porchat (2017) sobre a mudança de se enxergar o outro não mais nos preceitos biológicos homem/mulher, mas a partir da construção social masculino/feminino em caráter antidiscriminatório. Por conseguinte, investigou-se, nas inferências de Bourdieu (2002), a formação social sob o estridente androcentrismo, em que a figura do homem adere-se ao sinônimo de força e de supremacia, de modo que o seu reflexo desencadeia ondas de violências físicas e simbólicas ao gênero feminino.

Pretende-se analisar os livros *Olhos D'água* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo, em função dos elementos associados à memória e ao imaginário como algo que aproxima e distancia as narrativas. Adota-se a compreensão de imaginário constituído pelas imagens cumulativas provenientes da percepção, que também é base para a constituição da memória (BERGSON, 1999).

Destacam-se dois contos de cada obra, como enfoque de aprofundamento ao que se pretende analisar. São eles: “Olhos D'água” e “Duzu Querença”, da obra *Olhos D'água*; “Isaltina Campo Belo” e “Regina Anastácia”, da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. As escolhas são feitas a partir de abordagens relevantes à Crítica Feminista, aos Estudos de Gênero em dissonância com o androcentrismo e seu impacto para com a memória e o imaginário das personagens principais.

No exercício de sua própria expressão, escrever a partir de experiências revela a contribuição de Conceição Evaristo para a literatura afro-brasileira. A mulher negra deixa de ser representada e passa a ser autoapresentada. De modo que “colocada a questão da identidade e da diferença no interior da linguagem, isto é, como ato de criação linguística, a literatura surge como um espaço privilegiado de produção e reprodução de sentidos” (EVARISTO, 2005, p. 52).

O conceito estético que Conceição Evaristo atribui à sua escrita, cunhada pela história dos africanos nas américas e, principalmente, pela trajetória da mulher negra é *escrevivências*. “E a literatura de autoria assumidamente negra – como esta que Conceição Evaristo assina – é ao mesmo tempo projeto político e social, testemunho e ficção, e se inscreve de forma definitiva na literatura nacional”

3 O artigo é resultado de pesquisa, com a anuência do PIBIC/CNPq, realizada no período de julho de 2019 a agosto de 2020.

(DUARTE, 2016, p. 156). Grupos excluídos e silenciados passam, efetivamente, a ter voz de forma a caracterizar o sujeito em seu discurso autêntico.

1 Apresentação e Características das Obras *Olhos D'água* e *Insubmissas Lágrimas De Mulheres*

As obras *Olhos D'água* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* são escritas no gênero conto. E trazem temas relevantes à sexualidade, à discussão de gênero, à exclusão social, ao racismo e à preservação da memória do povo negro, expressa em suas culturas e em seu direito de uma vida com igualdades à dignidade social. Salienta-se ainda marcas históricas de diásporas motivadas pelos aspectos mencionados.

Insubmissas Lágrimas de Mulheres é uma obra acentuada, por questões de vulnerabilidades que refletem em violências sofridas. São aspectos das percepções provindas do machismo, entrelaçadas ao androcentrismo. Este identificado como propulsor e conservador da objetificação das mulheres, cujas funções se restringem ao ambiente familiar e ao prazer sexual, como cuidar da casa, gerar filhos e estar disponível ao sexo. O exemplo segue com o trecho do conto “Aramides Florença”:

Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca em um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou (EVARISTO, 2016, p. 17).

Os atos de violação e de violência expõem o quanto a prepotência da figura do homem, para com a mulher, anula qualquer tipo de valor que não esteja vinculado a satisfazer suas vontades sexuais; promove-se uma “permissividade” individualizada e contrária à capacidade de respeito. Esse é um modelo estrutural de pensamento que a obra mostra as debilidades, como no conto “Adelha Santana Limoeiro”, quando o esposo da personagem, já velho, “temia a chacota dos amigos, os olhares indiscretos dos vizinhos e, mais do que isso, a crueldade dos homens jovens ao saberem do triste fato acontecido” (EVARISTO, 2016, p. 38).

O que se percebe é a autonegação pela falta de virilidade. Isso porque a convicção do homem enquanto tal volta-se à rigidez de seu falo. A convicção falocêntrica resume o quanto o androcentrismo é um modelo que fere demasiadamente as mulheres, o que é desconsiderado por quem comete atos de violência contra elas.

Outra questão observada na obra está relacionada aos Estudos de Gênero pela problematização da denominação biológica homem/mulher como uma das marcas da sociedade androcêntrica. Essa problematização nos leva a uma melhor compreensão no que diz respeito às denominações masculino/feminino, na qual as construções sociais reverberam através dos sujeitos, pois a partir da formação dos sujeitos é que se realiza a própria sexualidade. Observa-se o trecho a seguir,

do conto “Isaltina Campo Belo”: “Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem” (EVARISTO, 2016, p. 66). A reflexão de Isaltina é produto da superação de questões às quais a sociedade não lhe apresenta respostas, senão maiores obstáculos para com a tentativa de buscar alguma resposta, na própria sociedade.

No tocante à obra *Olhos D’água*, a figura da criança é identificada em associação ao protagonismo pela transformação da história, com base nos anseios que provêm, quase sempre, do laço materno, em face de sua ancestralidade. São anseios geradores de sonhos que, por sua vez, dependem de oportunidades para frutificarem. A observação anterior pode ser compreendida no conto “Duzu Querença”: “[...] Estrela era para Tático, para Angélico. Estrela era para a menina Querença, moradia nova, bendito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haviam de acontecer e florescer” (EVARISTO, 2004, p. 36); e ainda no conto “Maria”, cuja personagem parece viver em prol de uma possibilidade de vida, diferente da dela para seus filhos: “Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente” (EVARISTO, 2004, p. 40).

Às vezes a criança tem somente a vida como única oportunidade, outras vezes nem isso, como visto no conto “Ana Davenga”, metralhada grávida junto ao seu companheiro: “Na favela, os companheiros de Davenga choraram a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que trazia na barriga” (EVARISTO, 2004, p. 30). Ou no conto “Lumbiá”, uma criança que morre atropelada, após furtar uma estátua, figura de Jesus menino: “O sinal! O carro! Lumbiá! Pivete! Criança! Erê, Jesus menino. Amassados, massacrados, quebrados! Deus-menino, Lumbiá morreu” (EVARISTO, 2004, p. 86). E ainda no conto “Zaíta Esqueceu de Guardar os Brinquedos”: “Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. [...] Cinco ou seis corpos como o de Zaíta jaziam no chão” (EVARISTO, 2004, p. 76).

Mais uma observação pertinente à obra em questão parte dos fragmentos da ancestralidade africana, trazidos não somente como forma de comparar o presente com o passado, mas como meio da afirmação de uma identidade mediante à conservação da memória e da prática cultural-religiosa. O conto “Olhos D’água” enfatiza o exposto em um de seus trechos: “[...] já naquela época eu entoava cantos de louvor a todas as nossas que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue” (EVARISTO, 2004, p. 18). A fala da personagem protagonista é a representatividade de muitas outras mulheres, no âmago de sua própria existência, com a força da tradição religiosa, recomposta no Brasil a partir de outras expressões, mas com o mesmo significado, o significado de plenitude à contemplação da vida.

2 Análise das Obras *Olhos D'água* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*

A partir das relações que as personagens protagonistas mantêm ou estabelecem, no âmbito familiar e/ou fora dele, destacam-se, para análise, os contos “Olhos D'água” e “Duzu Querença”, da obra *Olhos D'água*; e os contos “Isaltina Campo Belo” e “Regina Anastácia”, da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. As escolhas são pautadas de acordo com as evidências dos aspectos relevantes à Crítica Feminista e aos Estudos de Gênero em dissonância com o androcentrismo. Os traços históricos, tais como a conservação, a manutenção da memória e do imaginário, possibilitam aprofundar o entendimento dos embates travados pelas personagens por condições dignas de se viver, direito fundamental ao ser humano, efetivado pela disposição do direito de escolhas.

Os contos elencados são relevantes pela evidência das lutas e das vulnerabilidades enfrentadas pelas pessoas negras, principalmente as mulheres. Elas revelam suas potencialidades enquanto mães, filhas, trabalhadoras, esposas, soberanas de suas ações para o que constroem e para o que as fortalece. Mulheres que se (re) fazem humanas em sua própria (re)criação.

Em *Olhos D'água* percebe-se a predominância de um grande desejo, sentido pelas mulheres protagonistas, retratado em melhores condições de vida à sua descendência, para que a próxima geração permita-se mais vigorante na história de sua ancestralidade. Esse acréscimo mostra-se possível graças a realização de um sonho, que não se finda em quem o sonhou, mas que permeia a vida seguinte como nova possibilidade de realização.

As personagens mulheres experimentam vários momentos em que dor e alegria ora se contrapõem, ora se entrelaçam. O conto “Olhos D'água”, cujo título é homônimo ao do livro, permite a observação de como o imaginário, está imbricado nesses momentos:

Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. [...] E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas (EVARISTO, 2004, p. 16-17).

O distanciamento para com a falta de comida, e a aproximação entre as personagens por este distanciamento, chamam a atenção pela relevância do imaginário. “Frente à angustiante consciência da morte e do devir, o homem adota atitudes imaginativas que buscam negar e superar esse destino inevitável ou transformar e inverter seus significados para algo confortante” (DURAND *et al*, 2014, p. 6). Desse modo, o imaginário se realiza junto à vontade de outra realidade, por um desejo maior diante das dificuldades enfrentadas com a falta, como quando a mãe colhe nuvens de algodão doce para servir às filhas: “tudo tinha que ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também”

(EVARISTO, 2004, p. 17). A efetivação da realidade se funde a “um vetor-condutor que oportuniza as diversas análises pelos labirintos romanescos e poéticos compreendidos pelo sujeito que se lança e se projeta para além das camadas de imaginação” (EVARISTO, 2016, p. 269). É o imaginário que estabelece alternativas pelas quais a vida das personagens promove sentidos para elas.

Assim como o imaginário, outro elemento é incorporado ao cotidiano das personagens, em consequência de algo, que faz unir toda sua história ao presente, que é a memória:

[...] enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e também enquanto ela contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas [...] (BERGSON, 1999, p. 31).

A importância de preservar a memória acerca da ancestralidade, bem como a lembrança mais íntima da relação mãe-e-filha, são motivos que impulsionam questionamentos, como: “de que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, 2004, p. 17), que conduz a personagem principal pelo seu passado, primeiro em memória, depois em deslocamento de lugar, para encontrar resposta em seu presente:

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu nem perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim. Águas de Mamãe Oxum (EVARISTO, 2004, p. 18).

Oxum, orixá do panteão africano, nascida nas terras de Ijexá, é também chamada de “*Ïyálòòde* (Yalodê), título conferido à pessoa que ocupa o lugar mais importante entre todas as mulheres da cidade. Além disso, ela é a rainha de todos os rios e exerce seu poder sobre a água doce, sem a qual a vida na terra seria impossível” (VERGER, 2001, p. 61). O seu nome é mencionado como referência à cor dos olhos, revelados e vistos em profundidade. Essa profundidade é um traço marcante que a cor dos olhos da mãe da protagonista sempre a revelou em umidade. No final do conto é a filha da protagonista quem lhe pergunta “mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?” (EVARISTO, 2004, p. 18). Um novo ciclo de relação mãe-e-filha aponta para uma existência possível de ser mais vivenciada, pela partilha, com a preservação do olhar profundo entre as duas.

Uma outra personagem referenciada pela promessa da realização de um sonho é Duzu, do conto “Duzu-Querença”. Levada por seu pai para uma cidade central, onde iria ser cuidada por uma mulher que lhe daria estudo e emprego. “Quando Duzu chegou pela primeira vez na cidade, ela era menina, bem pequena. Viera numa viagem de trem, dias e dias. Atravessava terras e rios” (EVARISTO, 2004,

p. 32). A vulnerabilidade de uma criança é exposta para a violação de sua integridade, “houve até aquele quarto em que o homem lhe fez um carinho no rosto e foi baixando a mão lentamente...” (EVARISTO, 2004, p. 33). Isso irá repercutir em sua trajetória de vida em que as percepções, que tecem o imaginário e a memória, alcançarão uma mescla do que constituem com o próprio olhar sobre o presente.

Os dias de Duzu a conduzem para uma adequação “normal” de se viver na casa onde foi deixada. E, antes de ir embora dela, “acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas” (EVARISTO, 2004, p. 34). O resumo das cenas converge em expressões de violência, sob a ótica de subjugação do outro; enfoque abordado pelas relações de poder em que a violência conserva “o sentido negativo e moral de total negação do outro, seja ela exercida em nível macro ou microsocial” (PASSOS, 2010, p. 236). Ainda sobre o tema que se funde à vida de Duzu, nota-se o desencadeamento da violência simbólica, tão nociva quanto qualquer outro tipo:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.) resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2002, p. 46).

As experiências de Duzu, desde menina até a vida adulta, abalam o seu pensamento para sempre. Depois de abandonar a casa, Duzu tem filhos, netos e forma uma família. Sua neta, Querença, aprende com ela a brincadeira das asas. A avó “voava quando estava ali sentada à porta da igreja. Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor” (EVARISTO, 2004, p. 35). No momento de seu último sonho, Duzu é uma estrela que recobre sua existência através de seus netos, à luz de uma nova promessa de vida. “Estrela era para Tático, para Angélico. Estrela era para a menina Querença, moradia nova, bendito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haveriam de acontecer e florescer” (EVARISTO, 2004, p. 36).

A menina Querença é a ressignificação da possibilidade efetivada para uma outra forma de ser numa outra forma de vida.

[...] foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como (EVARISTO, 2004, p. 36-37).

Há uma continuidade da menina Duzu figurada na vida da menina Querença. Essa continuidade é denominada Duzu-Querença, como meio de perpetuação da condição ancestral a permear a vida e o trajeto da menina Querença; condição da possibilidade para que sejam trilhados novos caminhos. É, pois, a memória estabelecida na relação ancestral que repercute a continuidade da existência e da concretização de sonhos.

O distanciamento da terra natal imposto ou inevitável ao povo negro é evidenciado no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. No conto “Isaltina Campo Belo”, a personagem fala das dificuldades de sua família ao chegar em outro lugar para viver:

Nossa família, desde os avós maternos de minha mãe, já se encontrava estabelecida na cidade. Eles tinham chegado ali, como negros livres, nos meados do século dezenove, com uma parca economia. Minha mãe, orgulhosamente, sempre nos contava a luta de seus antecedentes pela carta de alforria. Histórias que eu, meu irmão e minha irmã ouvíamos e repetíamos com altivez na escola (EVARISTO, 2016, p. 57).

A superação das dificuldades remonta a identificação daquilo que a condição humana deve partilhar na e com a sociedade: o bem-estar. Mas os relatos das treze personagens que compõem o livro de contos, em que o título de cada um tem o nome de cada uma delas, carregam marcas de violências. São vozes de mulheres que ecoam através de uma abertura íntima para com alguém, que as escuta com muita atenção. A personagem ouvinte, também mulher, é um recurso literário pelo qual a autora aproxima as narrativas à realidade que de fato está no dia a dia, noticiada nos jornais ou na oralidade da própria população brasileira. Duarte (2016) ressalta os danos causados às mulheres pela violência simbólica, comumente enfatizada em obras literárias, e pontua como indispensável à literatura de autoria feminina o relato da violência física “cujas cicatrizes são visíveis”. Essa necessidade é encarada na obra de Evaristo pelos relatos de várias denúncias. “Afinal, não passa uma semana sem que os jornais noticiem o assassinato de uma mulher pelo companheiro vingativo, ou um dia sem que uma mulher seja espancada ou violada apenas por ser mulher” (DUARTE, 2016, p. 147).

Campo Belo, “como gostava de ser chamada” (EVARISTO, 2016, p. 55), passa por dois momentos cruciais de *viver a vida social*, tema enfatizado por Fabrício e Moita Lopes (2002). Esses momentos se relacionam a partir dos choques sofridos, 1) pelas identidades sociais, e 2) pela vertigem em relação a questionamentos identitários. De modo a se perceber identidade como prática individual e social, “a ideia de vertigem em face da questão identitária na contemporaneidade pode ser relacionada ao mundo dos sentidos e sua irredutibilidade à lógica do mesmo, ou seja, daquilo que nos é familiar” (FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2002, p. 14).

O primeiro momento de choque na vida de Campo Belo diz respeito a como ela começa a se identificar ainda criança. “Eu me sentia menino e me angustiava

com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado o nome errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados” (EVARISTO, 2016, p. 57). Abre-se um horizonte de contradições para a personagem, entre aquilo que sente e acredita ser e aquilo que percebe à sua volta, em sua relação com pessoas da família.

Outro acontecimento que marcou a minha vida, no que tange ao menino que eu acreditava trazer em mim, foi quando surgiram os primeiros sangramentos de minha irmã. [...] Antes dos meus onze anos, uma noite, sem qualquer sinal do que estava para acontecer, sem dor alguma, quem verteu sangue fui eu (EVARISTO, 2016, p. 60-61).

O segundo choque experimentado por Campo Belo ocorre através de um rapaz, a partir de falsas pretensões para namorá-la: “Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. [...] E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal eu era mulher negra, uma mulher negra...” (EVARISTO, 2016, p. 64).

A objetificação da mulher negra condensa a perspectiva sexual como única utilidade de seu corpo. O objetivo em tentativa de convencimento do ser que é visto senão corpo-objeto, passa por cima de valores humanos, em vista de que aí já se denota violência.

O episódio também recai sobre o conceito de gênero forjado nas diferentes experiências que deveriam ter o homem e a mulher, mediante caracterização determinada pelo sexo. Naturaliza-se as desigualdades entre homens e mulheres a partir da *biologia como destino* (FIRMINO; PORCHAT, 2017).

De uma tentativa abusiva e persistente de manipulação, Campo Belo é convencida pelo jovem para ir à casa dele: “Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher” (EVARISTO, 2016, p. 64).

Campo Belo sofre violências acentuadas pelo androcentrismo que caracteriza os paradigmas sociais em volta da centralização masculina, como base à representação superior na sociedade. É um condicionamento no qual a sexualidade se compacta com agressividade para com o corpo conquistado, objeto de uso para a penetração e o orgasmo (BOURDIEU, 2002).

O acontecimento em que Campo Belo teve seu *ser* anulado pelos homens que a violentaram, acarretou de ela mesma não perceber mais seu próprio corpo. Descobre-se grávida prestes a ter a criança: “Walquiria se fez sozinha em mim. Pai sempre foi um nome impronunciável para ela” (EVARISTO, 2016, p. 66). Walquiria é mais que uma escolha para um novo começo, é companhia, relação humana entre grande possibilidade de descobertas. A descoberta mais importante, talvez, tenha sido revelada após uma reunião na escola onde Walquiria estuda:

Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu, até então, encarava um estupro como um castigo merecido,

por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. [...] Eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva. Só Miríades eu tive. Só Miríades me teve (EVARISTO, 2016, p. 66-67).

É observável o teor do enfrentamento às normativas impostas pela sociedade, no que diz respeito ao comportamento do homem e da mulher, conceituados por seu sexo e não por seus próprios atos que determinariam o seu gênero e a composição de sua identidade. “Esses atos são performativos, no sentido de que a identidade que pretendem expressar é fabricada por eles” (FIRMINO; PORCHAT, 2017, p. 57).

No relato de Campo Belo nota-se a mulher diante de sua sexualidade, de forma a viver experiências íntimas, carregadas de afetividade humana. O ser e o corpo são sentidos e compartilhados entre múltiplas sensações sem, necessariamente, haver penetração.

A superação de Campo Belo constitui-se de autoafirmação e de autoconhecimento que proporcionam caminhos diferentes ao de um traslado para outras terras. Proporcionam sim, caminhos de permanência e afloramento da pessoa que ela se permitiu para consigo, para com Walquíria (sua filha), e para com Miríades. Dessas permissividades, a família forma-se sem os preceitos demarcados pelo machismo.

O conto “Regina Anastácia”, mulher de uma família migrante, principia a narrativa com a reverência da pessoa que a escuta:

Regina Anastácia se anunciava, anunciando a presença da Rainha Anastácia frente a frente comigo. Lembranças de outras rainhas me vieram à mente: Mãe Menininha de Gantois, Mãe Menininha d’Oxum, as rainhas de congadas, realezas que descobri na minha infância, em Minas, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara, Lia de Itamaracá, Léa Garcia, Ruth de Souza, a senhora Laurinha de Natividade, a professora Efigênea Carlos, Dona Iraci Graciano Fidélis, Toni Morrison, Nina Simone... E ainda várias mulheres, minhas irmãs do outro lado do atlântico, que vi em Moçambique e no Senegal, pelas cidades e pelas Aldeias (EVARISTO, 2016, p. 127).

Cada nome das mulheres citadas confere à ouvinte uma mútua comunhão, pela atuação de todas, através do empoderamento. O ato de reverência é um sinal de grande respeito. Na discussão sobre empoderamento ressalta-se a utilização do termo, no campo da abordagem *Liberating Empowerment*, construída na base do ativismo feminista dos chamados países de terceiro mundo, que provoca diretamente o debate sobre relações de poder. O empoderamento é compreendido como processo e resultado de transformações pessoais e coletivas. O empoderamento relaciona-se com o questionar, desestabilizar e transformar a ordem patriarcal dominante, a libertação das amarras da opressão de gênero (SARDENBERG, 2012).

A observação acima faz jus às conquistas de Regina Anastácia e de sua mãe, pelo que diz em seu relato, pois as terras às quais ela chegou com os seus familiares eram dominadas pelo nome de uma família:

Regina Anastácia, com a sua família, composta de mãe, pai, irmãs e irmãos, tias, tios, primas, primos, nos anos 20, emigrou do lugarejo em que vivia para Rios Fundos. [...] Rios Fundos, desde o Brasil Colônia, teve por base a extração de ouro e diamantes, embora a agricultura açucareira também tenha sustentado o êxito político e econômico do local. Uma família latifundiária, ainda herdeira de um poder adquirido como beneficiária das capitâneas hereditárias, ao longo dos séculos se impunha como dona da cidade. A linhagem Duque D'Antanho (EVARISTO, 2016, p. 128).

Observa-se o nome de uma família fundamentada na estrutura patriarcal de dominação que se impõe sobre a cidade, de modo que “é característico dos dominantes estarem prontos a fazer reconhecer sua maneira de ser particular como universal” (BOURDIEU, 2002, p. 77). A maneira particular e universal da família dantanhense se faz com rigor para a família de Regina Anastácia e para todas as outras que habitam a cidade, em particular às mulheres. Mas a coragem de conquistar o seu espaço leva a mãe de Regina Anastácia a armar um tabuleiro na frente de sua casa, para vender quitutes, doces e pães, além das entregas que costuma fazer.

Nem o pessoal da cidade aberta, nem o pessoal da cidade fechada acreditava que alguém pudesse sobreviver fora do poderio dantanhense. [...] Além das entregas, todas as tardes, na frente de nossa casa, armávamos um tabuleiro, que ficava sempre e mais rodeado de fregueses” (EVARISTO, 2016, p. 134-135).

Mostra-se que a dominação de uma família sobre a ótica patriarcal não se sobrepõe aos sonhos e às vontades da mulher, que se posiciona com atitudes. Outro fato impensável é o da relação amorosa do filho dos D'Antanho com Regina Anastácia, mas que se consolida aos poucos, com preocupação da parte de sua mãe:

Ela havia notado o interesse do moço D'Antanho por mim e sabia o que aquilo significava. Os moços brancos, incentivados pela família, conservam os hábitos ainda do tempo da escravidão. Corriam atrás das mocinhas negras, assim como os donos de escravos tomavam o corpo das mulheres escravas e de suas filhas. Começavam a se fazer homens, experimentando os primeiros prazeres no corpo das meninas e das mulheres que trabalhavam em suas casas (EVARISTO, 2016, p. 137).

O trecho ressalta a historicidade da dominação masculina, causadora da redução da mulher a mero objeto, como esclarece Bourdieu (2002, p. 81):

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis.

Mas Jorge D’Antanho desconstrói a percepção naturalizada pela sociedade patriarcal com relação à mulher, numa postura que contradiz a proibição de sua família e a desconfiança da família de Regina Anastácia. E para Jorge, “a desobediência causou a expulsão do nome dele do testamento” (EVARISTO, 2016, p. 138).

A determinação de Regina Anastácia enquanto ser mulher abriga uma abertura para com o outro ser que proporciona segurança, independente do que pensam os demais. Jorge, diferente de como a família esperava que agisse, com quais preceitos tivessem os seus, não enxergou obstáculos nem malícias ao fazer de suas vontades um caminho que, costumeiramente, os homens de sua descendência quase sempre o fazem, a cabo de interesses particulares e de dominação. Jorge simboliza, no relato de Regina Anastácia, atitudes condizentes à igualdade dos gêneros enquanto sensibilidade e honestidade para consigo e para com o outro, na partilha do respeito mútuo.

Considerações finais

O texto ficcional, com sua configuração oriunda do imaginário do autor, permite ao leitor experimentar uma realidade projetada, a partir de elementos que se mesclam com o seu próprio imaginário. O imaginário não é imaginação, mas se dispõe como fonte de criação, entendimento, e apreensão de realidades. A imaginação se manifesta, pois, através das conjunções das percepções em atividade momentânea, requerindo experimentações do imaginário e do âmbito sensorial do indivíduo.

É também por meio do texto ficcional, que se preservam e se restauram as memórias, numa perspectiva de trânsito entre o presente e o passado. E nesse trânsito obtém-se a garantia da manutenção de memórias, e ainda a possibilidade da manutenção de identidades.

No livro *Olhos D’água*, a memória é percebida, primordialmente, na contextualização da trajetória de vida das personagens com a valorização, por elas, de sua ancestralidade relacionada à luta e à prática religiosa afro-brasileira. O imaginário é a base com que as mulheres transformam o presente delas e dos seus para algo sublime, que vai além das dificuldades sentidas pela falta de alimento, por exemplo, e que se transpõe pela resignificação da sobrevivência.

As narrativas são desenvolvidas em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* pelo acesso a memórias que não se desvinculam do cotidiano das personagens protagonistas dos contos. Contos que se associam entre um relato e outro, com a observação atenta da pessoa que os reúne para mostrar fatos de violação, dos

direitos de liberdade feminina e da luta para a superação dessa violação. A memória é presente no livro como fonte de relato, veículo de aprendizado e conservação de ensinamentos. Já a maneira como a maioria dos homens se posiciona diante de si e das mulheres à sua volta, revela um imaginário debilitado pelo machismo.

A memória é um ponto de aproximação entre as duas obras literárias no que diz respeito ao envolvimento do ser materno com a sua descendência e vice-versa. Além de permitir, ao longo da existência das personagens, o conhecimento de experiências já superadas. Enquanto que o imaginário caracteriza duas particularidades em que as duas obras se distanciam: uma está relacionada ao imaginário androcêntrico, com a manutenção de atitudes machistas, mais acentuado em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*; a outra particularidade consta potencializada em *Olhos D'água* com o imaginário, que colabora com o desejo da mulher-mãe por melhores condições de vida à sua descendência através da luta e da superação, contra a condição histórica que marginalizou e que marginaliza as pessoas negras.

A literatura de Conceição Evaristo, exemplificada pelos textos analisados, permite o reconhecimento estético, que emerge de uma História narrada com lacunas, tanto para com a mulher negra escritora, quanto para o seu próprio povo. É uma literatura que ressoa os alicerces de um projeto político-social em que grupos excluídos e silenciados passam, efetivamente, a ter voz de forma a caracterizar o sujeito no seu discurso autêntico. Em função disso, o imaginário e a memória das personagens coadunam para a emergência de revelar, no texto ficcional, aquilo que se pretendeu apagar e/ou camuflar pela historiografia. É com essa dimensão que este artigo se propôs a contribuir para um olhar sobre a literatura de autoria feminina negra.

LITERATURA DE AUTORIA FEMENINA NEGRA: MEMORIA E IMAGINARIO EN LAS TESITURAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Resumen: El presente artículo se desarrolla en conformidad con los estudios sobre literatura de autoría femenina negra. Las obras *Olhos D'água* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, escritas por Conceição Evaristo, son estudiadas bajo la perspectiva de cotejarse elementos de aproximación y distanciamiento entre ellas, respecto a la memoria y al imaginario que contemplan las estructuras de sus narrativas. A lo largo de la investigación se evidencian conflictos que implican en factores de violencias en el cotidiano de las personajes. Estas son mujeres negras que luchan por mejores condiciones de vida en el enfrentamiento de un contexto social fundamentado por el androcen-trismo. Ese contexto se mezcla a trazos de la memoria y del imaginario de las personajes, así como también los propulsa. Los parámetros de análisis de las obras son respaldados en el entendimiento de ellas bajo la óptica de la Crítica Feminista y de los Estudios de Género en detrimento al andro-centrismo. La literatura de Conceição Evaristo resuena las basis de un proyecto político-social en que grupos excluidos y silenciados pasan, efectivamente, a ter voz de forma a caracterizar el sujeto en su discurso autêntico.

Palabras-clave: Autoría femenina negra; Memoria; Imaginario; Conceição Evaristo; Crítica feminista.

Referências

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 7, p. 1-11, dez. 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/fronteiraz/article/view/12201>>. Acesso em: 12 de jan. de 2019.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kührner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DUARTE, Constância. Marcas da violência no corpo literário feminino. In: _____. (Org.). *Escrevivências*: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Idea, 2016, p. 147-156.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares*, Palmares, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?page_id=6320>. Acesso em: 05 de jan. de 2020.

FABRÍCIO, Branca F.; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. *VEREDAS – Rev. Est. Lin.* Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 11-29, jul./dez. 2002 Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25282/14306>>. Acesso em: 10 de set. de 2019.

FIRMINO, Flávio H.; PORCHAT, Patricia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. *Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.*, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 51-61, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10819/7005>>. Acesso em: 25 de dez. de 2019.

PAES, Iêdo de Oliveira. Por entre olhos d'água de dor, indiferença e amor. In: DUARTE, C; CÔRTEZ, C; PEREIRA, M. (Org.). *Escrevivências*: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Idea, 2016, p. 267-277.

PASSOS, Isabel C. Friche. Violência e relações de poder. *Revista Médica de Minas Gerais*. Minas Gerais, p. 153-163, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.rmmg.org/exportar-pdf/318/v20n2a13.pdf>>. Acesso em: 15 de set. de 2019.

SARDENBERG, Cecilia. *Negotiating Culture in the Promotion of Gender Equality and Women s Empowerment in Latin America*. IDS Working Paper, 2012, p. 03-44.

VERGER, Pierre. *Orixás*. [S.l.]: Corrupio, [201-]. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/nnn18n0>>. Acesso em: 15 de dez. de 2019.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 9., 2012, Porto Alegre. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 407-415. Disponível em: <<http://editora.pucrs.br/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf>>. Acesso em: 10 de ago. de 2019.

Recebido em 20 de março de 2022.

Aprovado em 10 de junho de 2022.